

Experiências leitoras da escritora Zélia Gattai

Luciana Bessa Silva* 

Mulheres: uma narrativa de desencontro com a educação

Desde os primórdios, o pretense privilégio biológico colocou os sexos masculinos e feminino em posições desiguais. Ao homem coube o papel de força, de razão, de provedor do lar, sujeito dominante. À mulher, geradora de filhos e cuidadora do lar, sujeito dominado e inferior. Assim, o homem era o fim único da mulher. Criou-se, então, a ideia de mulher mãe, mulher do lar, mulher como uma criatura frágil, mulher sonhadora e casadoira, mulher como um ser sagrado. Embora façamos parte de uma sociedade democrática e que prega a igualdade entre os sexos, na prática, os homens continuam a escrever as normas e as leis, salvo raras exceções, que regem o mundo no qual as mulheres estão inseridas. A naturalização do papel secundário da mulher, o servilismo e o fato de não frequentarem os bancos escolares e acadêmicos, ocultou a participação e a importância do sexo feminino em todas as áreas do conhecimento.

Em *A formação da leitura no Brasil* (2011), Marisa Lajolo e Regina Zilberman não permitem que nos esqueçamos do quanto era precária a educação das mulheres ao longo dos séculos. A família, na tentativa de “protegê-las” não permitiam que fossem alfabetizadas e as poucas que conseguiam aprender a ler e a escrever possuíam acesso limitado aos livros. Durante décadas foi negado à mulher o capital simbólico necessário para que ela pudesse se desenvolver, já que o ideal de mulher estava pautado não só na submissão, mas no desenvolvimento de condutas como a sensibilidade, a castidade, a honra e o decoro. É verdade que nos séculos XVIII e XIX, o Brasil era um país desorganizado em decorrência, ainda, dos resquícios do período colonial, o índice de analfabetismo era grande e as camadas mais pobres precisavam se sustentar não sendo possível conciliar estudo e trabalho. As escolas, além de serem escassas, ensinavam apenas as primeiras letras, insuficiente para que a mulher pudesse ser considerada letrada.

Ser letrada está para além de saber ler e escrever, mas exercer as práticas sociais de leitura e de escrita em diferentes contextos. As camadas mais abastadas contratavam preceptores para ensinar suas filhas em suas próprias residências e/ou enviavam-nas para colégios internos mantidos pelas congregações católicas ou

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: bessaluciana@hotmail.com.

protestantes, o que conferia à educação feminina um caráter moralizador e domesticador. Desse modo, a História Intelectual tem sido importante para que possamos compreender a trajetória das mulheres. Como afirma Priore: “para que serve a história das mulheres? Simplesmente para fazê-las existir, viver e ser” (PRIORE, 2004, p. 9). Submissão, opressão e silenciamento marcam as narrativas femininas. Destarte, o sexo feminino possui um histórico de lutas, discriminação e negação à educação. Por meio da leitura e da escrita, as mulheres adquirem senso ético, estético, sobretudo crítico não só para construção de sua independência econômica (principalmente), mas também para construção de sua identidade e libertação das amarras sociais.

A leitura e, conseqüentemente, a escrita, a um só tempo, são formas de conhecimento, instituem relações de hierarquia e dividem os sujeitos em dois grupos: os alfabetizados e os não alfabetizados, letrados e não letrados. São ainda ferramentas de poder, de inclusão social, de tomada de consciência de si e do outro, por isso terem sido negadas às mulheres durante décadas. À mulher foi negado, durante décadas, que frequentasse os bancos escolares/ acadêmicos. A elas foi reservado, sem consulta prévia, o espaço privado, o cuidado com o lar e a família. Sem instrução e sem educação as mulheres não só ficavam sob o jugo masculino, como eram incapazes de contar sua própria história.

Leitura: necessidade básica para a emancipação feminina

É preciso ler para conhecer, analisar, distinguir e criticar as informações que nos são “impostas” todos os dias para que evitemos ser massa de manobra das classes dominantes. A leitura permite ao sujeito não só o acesso a informações, a outras culturas, ao conhecimento, mas também contribui para torná-lo mais crítico, criativo e atuante na e para a sociedade da qual faz parte. A falta de leitura conduz o indivíduo ao obscurantismo e à “marginalidade”. Roland Barthes compreende o discurso como um objeto de poder mesmo quando ele está fora desse lugar de poder. O objeto inscrito no poder é a linguagem ou, mais precisamente, sua expressão obrigatória: a língua. “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código” (BARTHES, 1997, p. 11). Portanto, linguagem é poder. Para ser mais preciso, o teórico diria que a língua é poder.

Na concepção de Bakhtin, o sujeito se revela por meio da linguagem porque “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo” (1981, p. 36). É por isso que ela fascina, seduz, desafia, emancipa e empodera quem dela se apropria. Ela é um dos meios pelos quais o sujeito se humaniza, pois, “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 1981, p. 38). Ademais, está impregnada de conteúdo ideológico. O estudioso afirma que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 1981, p.113). Seu emprego não é gratuito ou fugaz. Sempre há algo “por trás” delas. Por isso, é importante compreender o contexto em que está inserida, assim como a situação so-

cial dos interlocutores envolvidos e seus universos axiológicos. Logo, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p.113). Entre ambos não existe neutralidade, sujeição ou passividade, mas uma relação dialógica. A palavra é a unidade funcional da linguagem permeada de elementos de natureza visual, acústica e sinestésica. Através dela aprendemos a conhecer melhor o universo de possibilidades que nos cercam, por isso ela tem sentido e faz sentido. Outrossim, conhecemos e nos fazemos conhecer pelo outro, desvendamos a nós mesmos e nos aproximamos ou não do próximo.

Além de seu caráter informativo e descritivo, a linguagem é operada de maneira argumentativa. A interação verbal somente se concretizará (de forma igualitária), quando os envolvidos souberem ler/escrever. Argumentar é uma prática linguística, política e ideológica. De acordo com Saffioti (2004), em séculos passados, era difícil uma mulher se posicionar diante de questões políticas, sociais e econômicas em uma sociedade patriarcal sustentada pelo sistema capitalista que explicitava a relação de exploração/dominação da classe masculina em relação à feminina.

Neste sentido, vamos analisar a obra *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai, para que possamos refletir sobre o processo da leitura, no contexto do século XX, na vida das mulheres Gattai e em especial da própria escritora. Antes de entrar na obra propriamente dita, é preciso dizer que Zélia Gattai Amado de Faria nasceu no dia 2 de julho de 1916, em São Paulo. Memorialista, ativista e fotógrafa, lutou ao lado dos pais por melhores condições de trabalho para os trabalhadores imigrantes no início do século XX. Para além de esposa do escritor baiano Jorge Amado, Zélia precisa ser reconhecida como autora de quatorze obras literárias entre autobiografias, contos, livros infantis e memórias que permitem ao leitor conhecer importantes trechos da História do país.

Aos 63 anos publicou sua primeira obra literária – *Anarquistas, graças a Deus* – em 1979, ano em que recebeu o prêmio paulista de Revelação Literária, com mais de duzentos mil exemplares vendidos. O livro é o registro de seu nascimento, infância e adolescência, mas é também um importante relato da imigração italiana na cidade de São Paulo, no início do século XX, a gênese do movimento anarquista no Brasil e as práticas de leitura de uma família anarquista. Nesta obra, a “vida explode” como diria o escritor, incentivador e marido de Zélia, Jorge Amado (GATTAI, 1994). Ao narrar a si, a escritora narra o(s) outro(s) – espanhóis, libaneses, portugueses – imigrantes como ela que viveram nos bairros do Brás, Bexiga e Mooca, – marginalizados por sua cor, por sua nacionalidade, por seus valores e suas ideias em construir um mundo sem hierarquias, baseado na cultura da autogestão, da solidariedade e da coletividade. Um dos pontos-chaves da obra são a força, a determinação, o empoderamento e as leituras das mulheres que compõem a família Gattai: Dona Angelina (mãe) e as três filhas (Wanda, Vera e Zélia).

Embora *Anarquistas, graças a Deus* seja escrito por Zélia sobre Zélia, uma das personagens que mais se destacam é a matriarca da família: dona Angelina Gattai. Descrita como uma italiana de vocabulário reduzido “tanto em português como

em italiano, sua língua natal” (GATTAI, 1994, p. 10), usava a palavra atrevimento para tudo: “coragem, audácia, heroísmo, destemor, obstinação, irresponsabilidade e atrevimento mesmo” (GATTAI, 1994, p. 10). Ao longo da narrativa observamos a um só tempo, uma mulher empoderada, inteligente, que mantinha com o marido uma relação horizontalizada, isto é, de cumplicidade em que conversavam sobre todos os assuntos e tomavam as decisões em conjunto; mãe compreensiva e severa, combativa e pacífica, uma péssima dona-de-casa:

Sonhadora, sensível, nascera para tarefas intelectuais... Enlevava-se com a música. Jamais cursara escolas, mas era íntima do italiano Dante Alighieri e do brasileiro Castro Alves. Sabia versos de não acabar, recitava trechos de “Iracema”, sofria com os “Miseráveis”, empolgava-se com o “Acuso!” de Zola. Decididamente não nascera para o forno e o fogão, não adiantava tentar (GATTAI, 1994, p. 164).

Nascida para as “tarefas intelectuais” e não “domésticas”, dona Angelina não estava em sintonia com seu tempo, em que as mulheres eram educadas para serem subservientes ao pai e/ou marido. Mulher à frente de seu tempo, destacava-se no universo das palavras, que tão bom uso fazia no processo de educação dos filhos, na resolução de problemas familiares e extrafamiliares, principalmente, no empoderamento de si. A esposa de seu Ernesto era uma grande leitora de jornais e suas filhas também. A relação entre elas era baseada no diálogo e no companheirismo. Todas gostavam especialmente da “coluna dos necrológicos”, nunca desejando encontrar “o nome de um amigo” (GATTAI, 1994, p. 45). Elas eram as responsáveis, junto à vizinhança, de fornecer informações a quem solicitasse.

Moradora da rua Alameda Santos, nº 8, a família Gattai tinha vizinhos de nacionalidades variadas: portugueses, espanhóis, libaneses e turcos. Pela proximidade que mantinha com eles é possível saber como educavam suas filhas, como é o caso de Marieta, Tereza e Ripalda Andreta “criadas em regime de quase escravidão, jamais haviam frequentado a escola, não saíam de casa a não ser acompanhadas pela mãe” (GATTAI, 1994, p. 45). A descrição de Zélia coaduna com o que nos apresentam várias teóricas que abordam a temática feminina, em especial, a educação, como é o caso de Lajolo e Zilberman (2011), Perrot (1992) e Priore (2004). A mãe das moças [Marieta, Tereza e Ripalda] tinha o seguinte pensamento:

Lugar de mulher é em casa! Filha *nostra* tem que aprender a tomar conta do marido e da casa, isso sim! Nada de escola. Escola não serve pra mulher. Mulher precisa saber ler? Pra quê? Pra mandar carta pros namorados? - perguntava e afirmava dona Antonieta, a mãe da família, ela também uma escrava (GATTAI, 1994, p. 45).

Zélia descreve que não só as famílias do sul da Itália, “os meridionais”, como outros moradores do bairro (de diferentes origens) defendiam essa ideia como

forma de proteger suas filhas. Conduzidas ao analfabetismo por imposição familiar, a história das mulheres é baseada no ostracismo e na escuridão, reforçando a ideia de um sexo frágil. Interessante observar que independentemente da nacionalidade das mulheres o tratamento dado pela família era semelhante. Segundo a autora, “o sistema de vida das turcas [Marieta, Tereza e Ripalda] era bastante parecido com o das napolitanas. O tio as guardava a sete chaves, com o apoio da cunhada, mãe das moças. Estavam à espera de um casamento rico ou pelo menos remediado. Estivessem elas de acordo ou não em aceitar o marido” (GATTAI, 1994, p. 46). Casamentos para os homens era uma opção, para as mulheres, obrigação. Toda essa aberração começa a mudar, quando direitos começam a ser conquistados: aqui, no Brasil, em 1932 o Código Eleitoral garantiu o direito de voto às mulheres. Na década de 1950, a Organização Internacional do Trabalho aprovou a igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino. Nesse ínterim, em 1945, a Carta das Nações Unidas, se compromete com os direitos humanos dos cidadãos, independente da raça, sexo, idioma ou religião. Casar-se é uma decisão que cabe à mulher tão somente.

Enquanto suas vizinhas eram guardadas e educadas para se casarem, Zélia, caçula da família Gattai, crescia em um ambiente rico de experiências culturais. Ir ao cinema, escutar música e histórias eram seus programas prediletos. Wanda, sua irmã mais velha, era uma excelente contadora. Quando ela começou a namorar, seu pai exigiu que um dos irmãos ficasse ao seu lado. A escolhida foi Zélia. Contudo, ela se recusava a “segurar a vela de ninguém” (GATTAI, 1994, p. 93). Para convencê-la, Wanda lhe contava histórias. “A história do Narizinho Arrebitado, de Lobato, me empolgava. Para me conquistar, Wanda chegava a me chamar de Narizinho” (GATTAI, 1994, p. 93). As narrativas instigantes e envolventes do autor de *O sítio do Pica Pau Amarelo* (1920) fizeram a infância de muitas crianças e adultos. A personagem Narizinho é a protagonista de *A menina do narizinho arrebitado* de 1920, além das histórias do Sítio. Zélia e Narizinho apresentavam algumas semelhanças: ambas eram crianças gentis, com imaginação fértil, apaixonadas por animais. O namorado de Wanda, José Soares, para ficar a sós com a namorada enquanto passeavam pela rua Haddock Lobo oferecia à Zélia figurinhas do *O Tico-Tico* – publicação infantil brasileira que circulou no país durante os anos de 1905 a 1977. De forma natural e prazerosa, a leitura vai fazendo parte da trajetória de Zélia e, claro, das irmãs.

No livro, a leitura é uma prática passada de pais para filhos. A mãe, dona Angelina, tinha o costume de reunir as amigas nos finais da tarde na casa dela para fazer tricô, crochê e ler romances de folhetim. Zélia vendo essa cena sentia uma enorme vontade de aprender a ler, pensava n’*O Tico-Tico* e imaginava: “como seria bom me envolver nas aventuras de Chiquinho, Jagunço e Benjamim, sem a ajuda de ninguém” (GATTAI, 1994, p. 109). A leitura aguça a imaginação da menina de seis anos a ponto de ela desejar participar da narrativa junto com as personagens. Seu Ernesto ficava intrigado com o gosto literário da esposa e se questionava como ela ficava “até altas horas da noite – para poder concentrar-se no silêncio – lendo livros

de Victor Hugo, de Zola de Kropotkin, de Eça de Queirós, versos de Guerra Junqueira, gostar também dos romances em fascículos?” (GATTAI, 1994, p. 110). Os folhetins, surgidos na França no início do século XIX, fizeram muito sucesso no Brasil até meados da segunda metade do século XX, especialmente com as leitoras, em virtude de sua linguagem acessível, sua narrativa ágil e sua estrutura sequencial.

Dentro do contexto do capitalismo, a obra literária acaba sofrendo modificações para atender às expectativas do público leitor. Para Antonio Candido, o público de leitoras no século XIX foi o responsável pela produção de uma literatura “caseira” e “dengosa”, às vezes piegas, fazendo com que o escritor tivesse que pecar no estilo, conferir um tom de crônica e de fácil humorismo a suas obras. O teórico acrescenta, ainda, que o escritor se habituou a escrever para um público simpático, o que “nunca permitiu a formação de uma literatura complexa, de qualidade rara, salvo as devidas exceções” (CANDIDO, 1985, p. 227). Enquanto produto da sociedade, a literatura iguala-se a qualquer produto produzido e consumido em moldes capitalistas (LAJOLO, 1986, p.17). Logo, leitor e obra literária apresentam suas contradições que Ernesto não compreendia.

A leitura na casa dos Gattai acabou por contaminar a empregada da casa – Maria Negra. Wanda começou a ensinar-lhe e com “um mês de aulas diárias, dominava as letras do alfabeto” (GATTAI, 1994, p. 108). A aluna tinha um grande desejo: “um dia ainda leria sozinha aqueles romances em fascículos que a patroa comprava todas as semanas” (GATTAI, 1994, p. 109). Um ambiente em que os pais leem a tendência é que os filhos/agregados também se interessem pela leitura. A família é a porta de entrada para os múltiplos saberes que a leitura pode proporcionar aos que dividem o mesmo espaço. Dar exemplo e incentivar o leitor (filhos, amigos) são bens preciosos que devem ser compartilhados constantemente.

Esperteza e inquietação eram características das filhas de dona Angelina. Uma ocasião em que ela não estava em casa, as três foram mexer em seu guarda-roupa, “propriedade privada”, mas que atraíam a curiosidade delas. Encontraram “bibelôs de biscuit, jóias, livros anarquistas, uma belíssima edição italiana, ilustrada por Gustave Doré, de *La divina commedia*, de Dante Alighieri” (GATTAI, 1994, p. 124). Como Zélia ainda não sabia ler, era Wanda quem lhe explicou quem era o escritor, o período em que o livro havia sido escrito – “e o Brasil nem havia sido descoberto” – (GATTAI, 1994, p. 125). Contudo, havia trechos que nem ela mesma sabia explicar, como os nove círculos: “nove círculos, ora! –, um amigo – um poeta muito importante chamado Virgílio – ali estava os dois na ilustração” (GATTAI, 1994, p. 125). Quando Zélia imaginava que os dois amigos percorreram juntos o reduto de suplícios ficava assustada. Mas a “subida do Purgatório não foi penosa para Dante” (GATTAI, 1994, p. 125), porque ele encontrou sua amada Beatrice. Essa era a parte do livro que Wanda mais gostava e por isso levava “sempre mais tempo nessa imagem do que nas outras. Felizmente, o Paraíso era a última parte do livro, nos deixando boas lembranças” (GATTAI, 1994, p. 126). Antes mesmo de saber decodificar as palavras, Zélia leu *A divina comédia*, um de seus livros favoritos.

Quando havia desentendimento entre as irmãs, Wanda, a mais velha, chantageava as outras duas dizendo-lhes que não leria mais os livros para elas. Quanto à obra de Dante, Vera dizia ser uma “pouca-vergonha”, pois havia ilustrações de “homem e mulher pelados”. Mas “nem Wanda nem eu demos bola à reclamação” (GATTAI, 1994, p. 126). Vera achava o livro indecente, Zélia achava “simplesmente maravilhoso, – embora me assustasse com o inferno –, preferia-o mil vezes ao *Tico-Tico*” (GATTAI, 1994, p. 126). Ainda no esconderijo secreto de dona Angelina – o guarda-roupa – outros livros foram encontrados:

Pietro Góri, autor muito nosso conhecido. Dois livros da doutrina anarquista: de Bakunin e de Kropotkin. Néry Tanfúcio, poeta humorístico. Chegara a vez dos prediletos de mamãe e de minhas duas irmãs: *Os Miseráveis* e *Os Trabalhadores do Mar*. De Émile Zola, havia três livros: *Thereza Raquin*, *Germinal* e *Acuso*. Wanda adorava *Thereza Raquin*; Vera, mais puritana, fazia restrições. Eu, que não sabia ler, gostava mesmo das ilustrações, pelo impressionante, pelo proibido (GATTAI, 1994, p. 127).

O que se nota em várias passagens da obra *Anarquistas, graças a Deus* é que, além da escola, o incentivo da família é essencial para que a criança desenvolva o interesse pela leitura. Ela é a primeira instituição da qual a criança participa. É a emissária dessas duas importantes ferramentas. A transmissão do capital cultural que ela pode transmitir aos filhos se dá de várias formas, como visita aos museus, às bibliotecas e aos cinemas. Podem também conversar e comprar livros, podem ler juntos e escutar os pais lerem para elas, pois criam uma atmosfera de fantasia, ampliam sua capacidade imaginativa e vocabular. Para além dos livros, como foi mencionado, os jornais também contribuíam para desenvolver o gosto pela leitura. Seu Ernesto Gattai era um leitor assíduo, mas com o tempo e um acidente que sofreu, sentia fortes dores o que o impossibilitava de realizar essa atividade prazerosa e instrutiva. Zélia, com oito anos e frequentando a escola, tomava essa missão para si: “Eu lia o jornal de cabo a rabo. Para animar a leitura, inventei de ler as notícias da Itália com sotaque italiano; de Portugal, com acento português; da Alemanha, com sotaque alemão e assim por diante” (GATTAI, 1994, p. 244). A leitura por prazer, além de gerar satisfação, torna o sujeito mais crítico e atuante na e para a sociedade.

A linguagem acessível e as informações contidas em tempo real tornam o jornal uma ferramenta para estimular o aprendizado do leitor, como afirma a própria Zélia: “Com a leitura diária e sistemática do jornal, ia me ilustrando, ficava a par de muitas coisas que me abriam novos horizontes: arte, literatura, música, principalmente música, paixão de dona Angelina. Lia críticas e artigos sobre Bidu Sayão” (GATTAI, 1994, p. 245). Esse encontro de Zélia com a leitura contribuiu para seu desenvolvimento pessoal, sobretudo, para o fato de que anos mais tarde ela se tornaria escritora de quatorze obras literárias. Outras leituras, em especial na língua de seus genitores, marcam a adolescente Zélia Gattai, como o romance *Satanella* o *La mano della morta*, de Carolina Invernizio (GATTAI, 1994, p. 264).

Descendente de italianos, Zélia cresceu escutando os pais, o avô e tios falarem nesse idioma, o que deve ter contribuído para despertar seu interesse. Outras leituras podem ser elencadas:

Devorei todos os livros de M. Delly, publicados na “Coleção das Moças”. Não perdi também nenhum de Ardel, da mesma coleção. A conselho de mamãe li *Cuore*, de Edmondo de Amicis, bom para derreter corações, fazer chorar. *La Divina Commedia*, de Dante, como já contei, aprendi a amar antes de saber ler. Devorávamos também, Vera e eu, os livros de José de Alencar, de Macedo, e da fase romântica de Machado de Assis (GATTAI, 1994, p. 265).

A leitura precisa ser prazerosa para arrebatar o leitor. Zélia era uma leitora que buscava conhecimento, distração, deleite e passatempo. A arte literária, quando não imposta, é um importante instrumento para ampliar repertórios e horizontes, conhecer novas culturas, despertar o interesse por outras artes (pintura, música, teatro). Humanizar-se. Zélia cresceu em um ambiente com restrições econômicas, mas permeado de histórias contadas por sua irmã Wanda, seu pai Ernesto e seu avô Eugênio. Passeios de bonde por São Paulo, visitas ao cinema todas às quintas-feiras, convívio com vizinhos de nacionalidades diferentes e as noitadas nas “classes laboriosas” – espaço onde os trabalhadores se reuniam para discutir sobre política. Havia ainda uma intensa programação cultural com apresentações teatrais, musicais e saraus. Zélia era uma das declamadoras. Todas essas experiências favoreceram para que as filhas do casal Gattai se tornassem grandes leitoras e, Zélia, anos mais tarde, escritora. É sabido que um bom escritor(a) é, antes de tudo, um profícuo leitor(a).

Saber ler e escrever são formas de conhecimento, de resistência ao ostracismo e ao silenciamento, instituem relações de hierarquia, pois divide os sujeitos em dois grupos: os alfabetizados e os não alfabetizados, letrados e não letrados. São, ainda, ferramentas de poder, de inclusão social, de tomada de consciência de si e do outro.

Considerações finais

Por uma questão de gênero, criou-se a falsa concepção que o sexo masculino é dotado de razão e força; o feminino, de emoção e fragilidade. Ao homem caberia receber educação; a mulher ser protegida dos males que ela poderia lhe proporcionar. Sem instrução e conhecimento, a mulher ficou relegada à escuridão, ao ostracismo e à subalternidade. É dentro da família que se cria uma hierarquização entre o sexo feminino e o sexo masculino, já que o homem era preparado para trabalhar fora; a mulher, cercada de cuidados e restrições, deveria permanecer dentro de casa. Espaço público e autonomia para eles; espaço privado e complacência para elas.

A experiência leitora descrita na obra *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai é importante para compreender de que forma a leitura pode causar impactos na

vida do sujeito enquanto ser social, em especial, a mulher que durante décadas foi impedida de ler e escrever, logo, não pôde ser protagonista de sua própria história. Zélia, Vera e Wanda foram criadas em um ambiente em que os pais eram leitores. Seu Ernesto, além de um contador de histórias, uma das atividades que reunia a família após o jantar, era um grande leitor de jornais. As filhas cresceram observando esse hábito do pai. A mãe, na visão do marido, era uma contradição: ao mesmo tempo que lia folhetins, adorava ler romances de escritores clássicos, como Castro Alves, Eça de Queirós, Émile Zola, Victor Hugo.

Além da contação de histórias, da leitura de livros e folhetins, Zélia e as irmãs cresceram indo semanalmente ao cinema, escutando músicas e frequentando as “classes laboriosas”, onde puderam participar de saraus, assistir a apresentações artísticas e escutar discursos políticos. A leitura, como nos mostrou a obra, é uma ferramenta que proporciona sabedoria, inclusão e criticidade. Além disso, contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, estimula a imaginação, enriquece o vocabulário, amplia o senso ético, estético e crítico. Ler, compartilhar e refletir sobre as experiências leitoras de uma escritora nos aproxima ainda mais da obra e nos possibilita novas descobertas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2. ed. Trad. Michel Lahud e Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARTHES, Roland. *Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a deus*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.
- LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Recebido em 25 de janeiro de 2022.

Aprovado em 7 de junho de 2022.

Resumo/Abstract

Experiências leitoras da escritora Zélia Gattai

Luciana Bessa Silva

No início do século XX, poucas mulheres tinham acesso à educação e ao espaço público. Marginalizadas, inferiorizadas, vistas muitas vezes como aberração, a história das mulheres é marcada pelo silenciamento e a negação do acesso à leitura e à escrita. Ler é uma ferramenta de construção de identidade, emancipação feminina e libertação individual e social. Propomo-nos a fazer uma reflexão sobre as experiências leitoras da escritora Zélia Gattai presentes em sua obra *Anarquistas, graças a Deus* (1979). Trata-se de um trabalho bibliográfico-descritivo com base em: Perrot (1992), Priore (2004), Lajolo e Zilberman (2011), entre outros. Em uma sociedade desigual, conservadora e patriarcal, a leitura é uma necessidade básica de primeira ordem às mulheres.

Palavras-chave: leitura, mulheres, Zélia Gattai.

The reading experience of the writer Zélia Gattai

Luciana Bessa Silva

At the beginning of the 20th century, only a few women had access to education and to the public space. Marginalized, inferior, often seen as an aberration, the history of women is marked by silencing and denial of access to reading and writing. Reading is a tool for identity construction, female emancipation and individual and social liberation. We propose to reflect on the reading experiences of the writer Zélia Gattai, present in her book *Anarquistas, graças a Deus* (1979). It is a bibliographic-descriptive work based on: Perrot (1992), Priore (2004), Lajolo and Zilberman (2011), among others. In an unequal, conservative and patriarchal society, reading is a first-rate basic need for women.

Keywords: reading, women. Zélia Gattai.